

TODA VIDA PODE SER CONTADA: RAZÃO HISTÓRICA E BIOGRAFIA EM WILHELM DILTHEY¹

Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar
Instituto de História
Universidade Federal de Uberlândia
alexandre.avelar@uol.com.br

Texto recebido em/Text submitted on: 06/04/2017

Texto aprovado em/Text Approved on: 15/06/2017

Resumo: A partir da segunda metade do século XX, a biografia retomou seu lugar de prestígio nas reflexões dos historiadores, superando a desconfiança que lhe fora imputada pelo marxismo e pela historiografia dos *Annales*. Atualmente é bastante expressiva a proliferação de estudos sobre trajetórias individuais, sejam elas de homens ilustres ou comuns. Por outro lado, várias das problemáticas do gênero já foram enfrentadas pela historiografia do século XIX. O objetivo deste artigo será o de recuperar as importantes – e pouco lembradas – formulações de Wilhelm Dilthey sobre a biografia. Com esta proposta, pretende-se demonstrar como o filósofo alemão enfrentou em seu tempo questões cruciais, tais como a subjetividade do biógrafo, os limites da representação narrativa da vida de um indivíduo e a oposição entre liberdade e determinismo.

Palavras-chave: Dilthey; biografia; história; vida; ciências humanas.

Abstract: From the second half of the twentieth century on, the biography recovered its place of prestige in the reflections of historians, overcoming the distrust that had been imputed by the Marxism and the *Annales*. Nowadays, it is very expressive the proliferation of studies of individual trajectories, whether they be common or illustrious

¹ Este artigo é resultado de uma agenda de estudos centrada no pensamento do filósofo alemão Wilhelm Dilthey e, fundamentalmente, em suas concepções sobre a biografia. Tais estudos contaram com o imprescindível apoio da Fapemig por intermédio do financiamento do projeto “Biografia em Ciências Humanas em Wilhelm Dilthey”. Agradeço ainda à bolsista Paula Cecília Borges pelo indispensável auxílio no trabalho de pesquisa.

men. On the other hand, several of the issues of the gender had been faced by the nineteenth-century historiography. The aim of this paper is to recover the important formulations of Wilhelm Dilthey about the biography. With this proposal, we intend to demonstrate how the German philosopher faced, in his time, crucial questions for the biographical writing, such as the subjectivity of the biographer; the limits of narrative representation of an individual's life and the opposition between freedom and determinism.

Key-words: Dilthey; biography; history; life; human sciences.

*Toda vida pode ser descrita, tanto a pequena
quanto a poderosa, tanto a vida cotidiana quanto a
extraordinária.*

(Wilhelm Dilthey – A construção do mundo
histórico nas ciências humanas)

Introdução:

A biografia histórica entrou em moda. Os historiadores, após negligenciarem por um longo tempo a relevância desse gênero, finalmente admitem que trajetórias individuais possam ser objetos legítimos de suas investigações e abordagens. A biografia insere-se no movimento de uma significativa renovação das práticas historiográficas, mais atentas às dimensões subjetivas dos processos sociais, e os seus usos têm se expandido por todos os campos das Humanidades, o que permitiria falarmos em um *boom* biográfico.

Afirmações como as feitas acima já se tornaram senso comum e, de fato, revelam alguns movimentos geracionais significativos da historiografia recente. Escrever biografias não se associa mais ao criticado “ídolo individual” e tampouco se mostra uma tarefa exclusiva de edificação canônica de grandes homens e personagens cuja magnitude expressa virtudes que deveriam ser transmitidas ao presente e ao futuro. As vidas não são mais estudadas de modo linear, como uma linha reta que vai da infância à vida adulta, em que as manifestações mais remotas desdobram-se nos traços da maturidade ou, em outras palavras, os historiadores não são mais ingênuos a ponto de acreditarem na propalada “ilusão biográfica”, tão veementemente denunciada por

Bourdieu e que se estabilizou como uma espécie de “lição número um” do que não fazer em uma biografia.

A alusão a um retorno da biografia histórica deveria ser relativizada, a meu ver, sob dois aspectos. Em primeiro lugar, caberia a dúvida acerca da possibilidade de uma biografia não ser, em alguma medida, histórica. Se o discurso historiográfico for compreendido como a trama enredada entre acontecimentos do passado, bem como a produção de sentidos para eles, o gênero biográfico poderia ser diferente dos procedimentos usuais de escrita da história? A biografia seria algo além da produção de narrativas sobre as relações entre os indivíduos e os sistemas normativos historicamente constituídos? Ela não requereria ainda os mesmos procedimentos metódicos dos historiadores?

Sugere-se, portanto, que o debate sobre o gênero biográfico, suas potencialidades presentes e desafios para o futuro deverá ser situado na confluência com o processo de institucionalização da história como ciência, que define precisamente as virtudes e obrigações metódicas e éticas do historiador. Como especialista capaz de controlar o passado por intermédio do correto manejo das evidências, o historiador deveria distanciar-se de todos os elementos literários que pudessem intervir sobre o seu discurso. Gênero claramente identificado a narrativas extraordinárias, mais preocupado com seus efeitos moralizantes do que com a reconstituição verdadeira do passado, a biografia não gozava de grande prestígio entre os historiadores do século XIX, mesmo que o papel do indivíduo na história não fosse uma questão estranha a eles (LORIGA, 2011). Algo completamente distinto era, sem dúvida, eleger a vida e sua modalidade narrativa por excelência, a biografia, como elementos estruturantes de um projeto intelectual que objetivava construir os fundamentos de uma “razão histórica”. Ao entregar-se à tal tarefa, perseguida durante toda sua existência, Wilhelm Dilthey empreendeu uma das reflexões mais vigorosas de seu tempo a respeito das relações entre história e biografia.

Aproximar-se das reflexões de Dilthey sobre o gênero biográfico e torná-las acessíveis ao público brasileiro são, obviamente, justificativas legítimas para este artigo, porém, insuficientes. Parece-me mais estimulante acompanhar como tais reflexões se constituíram em registros de uma tarefa intelectual largamente partilhada ao longo do século XIX: a transformação do conhecimento histórico em disciplina científica moderna, capaz de ser defendida com base em métodos e bases epistemológicas discerníveis

daquelas praticadas em outros domínios, especialmente nas chamadas ciências da natureza. Não por acaso, Jos de Mul assinala que o estatuto da biografia histórica em Dilthey só pode ser compreendido em função das formas pelas quais a historiografia do século XIX – entendida, grosso modo, como a materialização escriturária da história como ciência – tematizou os lugares da imaginação e do real. A biografia, como modalidade de escrita da história, era ainda sistematicamente posta em dúvida, justamente por estar associada ao exercício ficcional e literário (DE MUL, 2013, p.407). Se os historiadores negavam a natureza científica da biografia em função de seu topos eminentemente literário, os escritores reprovavam a pouca imaginação com que os historiadores povoavam seus relatos biográficos.

O presente texto estruturar-se-á em dois exercícios de leitura. Inicialmente, serão traçadas algumas considerações a respeito das configurações diltheyanas de uma razão histórica capazes, espera-se, de lançar luz sobre o que poderiam ser as bases distintivas de uma ciência histórica centrada no conceito de “vida”. Em seguida, o eixo será deslocado para a apreensão de certas noções que possam situar uma “teoria da biografia” em Dilthey. Articulados, esses dois caminhos de interpretação delinearão a hipótese central aqui defendida: a de que a biografia expõe os fundamentos mais sólidos da concepção de Dilthey sobre a história e suas formas de conhecimento.

Razão histórica e “vida”:

Na extensa obra de Dilthey, os temas da crítica da razão história e da edificação das ciências humanas aparecem como elementos estruturantes de um mesmo projeto filosófico, a saber, a reunificação de uma profusão de saberes ligados ao homem em torno de uma moldagem científica comum, capaz de se opor metodologicamente às ciências naturais. De clara inspiração kantiana, a crítica da razão histórica se apresenta aos analistas, assim como outros temas da obra de Dilthey, como um mosaico descontínuo de reflexões pontuadas por avanços, recuos e mudanças de rota. Ainda assim há uma linha de continuidade que foi definida como a “crítica da faculdade que o homem tem de conhecer a si mesmo e também a história e suas criações” (DILTHEY, 1922, p.116). Seus primeiros indícios podem ser encontrados em um artigo de 1860, quando Dilthey afirma desejar “edificar uma nova crítica da razão pura sobre o solo de nossa visão do mundo histórico-filosófico” (DILTHEY, 1922, p.116-117). Dois anos depois, em um ensaio dedicado a Buckle, Dilthey retorna ao tema. Os eventos históricos

devem ser investigados em busca de seus nexos de causalidade, mas a redução da questão a essa dimensão causal revela um profundo desconhecimento do que é próprio da história e que deve se expressar – para além de uma “ciência assentada em estatísticas” – em uma verdadeira “narrativa histórica” (DILTHEY, 1972, p.106). É um engano, entretanto, pensar que essa narrativa resulte de alguma instância metafísica. Ao contrário, trata-se da experiência vivida captada em sua singularidade. Em 1903, por ocasião de seus 70 anos, Dilthey não parecia considerar que sua tarefa havia terminado ao afirmar que ainda seguia no estudo do que ele chamava de “natureza e das condições do conhecimento: uma crítica da razão histórica” (DILTHEY, 1924, p.9). As profundas transformações ocorridas no mundo da cultura ocidental entre o final do século XIX e o início do XX atualizavam a urgência de uma fundamentação teórica da consciência histórica que, por sua vez, aproximava-se perigosamente do relativismo.

Uma contradição aparentemente insolúvel surge quando o sentimento da história é levado às suas últimas consequências. A finitude de todo fenômeno histórico, seja uma religião, um ideal ou um sistema filosófico, e, por conseguinte, a relatividade de toda interpretação humana da relação das coisas é a última palavra da concepção histórica deste mundo, onde tudo flui, onde nada é estável. Em face disso erguem-se a necessidade que o pensamento tem de um conhecimento universalmente válido e os esforços que a filosofia faz para chegar a ele. A concepção do mundo (*Weltanschauung*) histórica libera o espírito humano da última cadeia que as ciências da natureza e a filosofia não quebraram, mas onde encontrar os meios para superar a anarquia das convicções que ameaça se difundir? (DILTHEY, 1947a, p.15).

Para Dilthey, a edificação das ciências humanas deveria ser capaz de dar respostas a algumas das grandes insuficiências e limites de certas tradições do pensamento filosófico e historiográfico. A metafísica, por exemplo, era constantemente apontada como produtora de generalizações abstratas e distantes da experiência vivida concreta. O positivismo traduzia-se por uma não menos errônea fragmentação da realidade histórica. A formulação de novas categorias de apreensão do mundo sócio-histórico deveria se inscrever, simultaneamente, em uma teoria do conhecimento capaz de desvendar as condições de possibilidade de ocorrência dos fenômenos e em uma metodologia que pudesse permitir à razão histórica – e às “ciências do espírito”, de um modo geral – alcançar os níveis de objetividade existentes nas ciências naturais. Ao comentar sobre as conquistas e limites da Escola Histórica Alemã, Dilthey parecia ver nos historiadores alemães a síntese de suas críticas:

Faltou ao seu estudo e à sua valorização dos fenômenos históricos o nexos com a análise dos fatos da consciência: por conseguinte, faltou-lhe fundamentação pelo único conhecimento que em última instância é seguro, em resumo, uma fundamentação filosófica. (...) Assim, nasceram espontaneamente em mim a necessidade e o plano de uma fundamentação das ciências do espírito (DILTHEY, 1922, p. XVI-XVII).

Ao longo dessa longa jornada de elaboração conceitual, o projeto de uma crítica da razão histórica pode ser apreendido por meio de um deslocamento substancial. Se os primeiros esforços de Dilthey concentravam-se, sobretudo, na delimitação epistemológica da ciência histórica, em seus textos finais eram claramente discerníveis os contornos de uma das mais ambiciosas críticas do conhecimento histórico (JOLLIVET, 2016, P.29). Foi no curso desse movimento que Dilthey pôde forjar algumas categorias decisivas para a sua concepção da biografia, tais como vida, experiência, nexos psíquicos, entre outros, pois “a primeira característica básica da estrutura das ciências do espírito é o fato de elas partirem da vida e manterem um nexos constante com ela, já que estão baseadas na vivência, na compreensão e na experiência da vida” (DILTHEY, 2010, p.191). O objeto da história é, portanto, o conjunto de objetivações da vida, ou seja, as manifestações exteriores do espírito, que vão de simples gestos evanescentes às constituições sob as quais vivemos. A mais elementar dessas manifestações, a vida em si mesma, deve ser articulada aos conjuntos culturais aos quais ela pertence e que fornecem o conteúdo de sua individualidade.

A expressão vida significa aqui, em primeiro lugar, aquilo que para cada um é o mais conhecido, o mais íntimo. O que é a vida está dado na experiência. Nós a vivenciamos, e ainda assim ela é para nós um enigma. Mas nós sabemos como ela se comporta e como se caracteriza. Ela está onde existe uma estrutura que vai do estímulo ao movimento. Esse progresso do estímulo ao movimento está por toda parte ligado a um fenômeno orgânico. Nessa estrutura, que vai do estímulo ao movimento, como que se encontra o segredo da vida. A unidade da vida está sempre na conexão dessa estrutura (DILTHEY, 1982, p.344).

A concretude da vida, em suas relações com o mundo exterior e com suas faculdades psíquicas, somente pode ser apreendida pela história. É o processo histórico que contém a chave de explicitação das individualidades.

O conteúdo estrutural da natureza humana não poderá nunca ser estudado de modo satisfatório no indivíduo. O desenvolvimento da essência humana está na história, onde nos é possível ler, em letras maiúsculas, os motivos, os destinos interiores, as relações vitais na natureza humana. E aqui se percebe algo que se desenvolve dentro de si mesmo, enquanto toda vida individual ganha seu conteúdo decisivo das profundezas do processo histórico (DILTHEY, 1977, p.183).

A experiência vivida como fundamento de seu projeto de uma crítica da razão histórica desdobrou-se, no pensamento de Dilthey, na sistematização de uma nova psicologia, uma vez que, diferentemente da natureza, nós somos os agentes de uma conexão dinâmica que está ligada à vida psíquica. Trata-se, sobretudo, de uma psicologia analítica suficientemente equipada conceitualmente para estudar os processos de constituição de nossa consciência e vontade sobre o mundo. Sobre essa última, Dilthey não a compreendia simplesmente como um ato de querer, “mas a atividade que posso ter consciência, precisamente, em suas diferentes posições em relação àquilo de que ela se distingue. Sinto-me ora condicionado, ora tomado de assalto, ora sujeito a, ora numa atitude de aspiração e de controle” (DILTHEY, 1947a, p.141). Essa experiência vital, fluida e sempre em movimento pode ser caracterizada pelo conceito de “mesmidade” (*Selbigkeit*), pois se trata

(...) da experiência mais íntima que o homem pode fazer de si mesmo. Dessa mesmidade decorre o fato de que nos sentimos pessoas, de que podemos ter um caráter, de que pensamos e agimos com coerência. Em compensação, nela não está incluído de forma alguma que em todas as modificações perdue algo de semelhante a si mesmo (DILTHEY, 1947a, p.210).

Sem as referências aos nexos psíquicos, apontava Dilthey, as ciências do espírito jamais poderão se tornar um sistema coerente, reduzindo-se a um feixe ou a um agregado de fenômenos. A psicologia que reivindicava era igualmente histórica, pois esses nexos psíquicos estão atrelados, em seu desenvolvimento regular, a processos históricos singulares e a sistematização da psicologia diltheyana exige, forçosamente, o estabelecimento “do nexos da vida psíquica em um homem típico” (DILTHEY, 1947a, p.206). Em uma passagem bastante precisa, Maria Nazaré Amaral esclarece esse trânsito da psicologia de Dilthey entre o geral e o particular.

É como se Dilthey estivesse convidando-nos a formar a imagem de um movimento pendular capaz de nos levar a compreender os casos singulares e concretos, fazendo-nos retroagir até as suas raízes mais profundas, presas à natureza comum de toda vida psíquica e, vice-versa, permitisse-nos também apreender as regularidades e uniformidades do nexos psíquico com base em uma ligação viva com uma multiplicidade de casos particulares. Ora, esse ritmo parte-todo, todo-parte, tão bem descrito por Dilthey, constitui o cerne regulador das funções da psicologia que, como ciência fundamentadora, deverá impô-lo ao sistema conjunto das 'ciências do espírito' (AMARAL, 2010, p.23).

A principal crítica de Dilthey à psicologia do seu tempo era a tendência que ela possuía de decompor os fenômenos psíquicos para depois reuni-los em um conjunto regido por leis mecânicas e por elementos dados. Essa decomposição é francamente ilusória e, contra ela, Dilthey propõe considerar o homem em sua unidade experiencial, fruto de suas formas de acomodação e resistência ao mundo, pois, “no curso da vida, cada experiência vivida particular é remetida a uma totalidade. Esse conjunto vital não é uma soma ou uma adição de momentos sucessivos, mas é uma unidade constituída por relações que religam todos os elementos” (DILTHEY, 1988, p.94).

Ao falar de vida, Dilthey tinha em mente, precisamente, a vida coletiva da humanidade mais do que os indivíduos e suas expressões subjetivas. Tratava-se, sobretudo, de uma concepção de vida intelectual e culturalmente estruturada. Estas duas dimensões – cultural e intelectual – eram inseparáveis no pensamento de Dilthey e a força dessa articulação repousava, sobretudo, na ideia de que a experiência vital era o guia filosófico fundamental para a apreensão do mundo histórico. Essa experiência constitui-se em um eixo integrador de pensamentos, sentimentos, ações e desejos que formam os fatos da consciência, o que não se reduz a alguma força fenomenológica ou metafísica. Frithjof Rodi, em um importante ensaio, afirma que, em Dilthey,

(...) fatos da consciência são também e acima de tudo as experiências de dor, prazer, alegria, esperança, medo, satisfação etc., a começar pela experiência mais elementar da resistência exercida por um mundo exterior sobre o movimento do meu corpo. É aqui que a vivência é introduzida como uma categoria epistemológica colocada em oposição ao conceito de representação (RODI, 1983, p.110).

Os fatos da consciência são, deste modo, nascidos do trabalho de experiência e não podem ser estudados e conhecidos por intermédio de alguma substância ontológica ou de algum princípio invariável e, tampouco, com base em um empirismo deduzido de

alguns poucos elementos significativos. No horizonte de superação dos limites da filosofia kantiana e de desencanto com as soluções idealista e positivista, Dilthey encontrou em sua “filosofia da vida” a possibilidade fundacional das ciências humanas. Como experiência concreta, a vida poderia efetivamente ser narrada? Era possível um conhecimento fiável dos acontecimentos históricos com base em uma trajetória, na atividade criadora de um indivíduo? Reconstruir os sentidos de uma existência particular forneceria alguma forma de acesso ao mundo histórico? Se a vida não assume um plano claro e não deriva de algum princípio unificador, como a biografia poderia ser, nos termos do próprio Dilthey, a forma mais filosófica de historiografia? Essas perguntas, presentes ainda nos dias de hoje em muitos dos debates acerca das relações entre história e biografia, sinalizam para respostas variadas e mesmo contraditórias. Nada estranho ao pensamento de Dilthey, certamente. Por outro lado, são essas tensões, esse amálgama entre consciência racional, atividade psíquica profunda e sentimento, caro a todos os indivíduos, que revela a própria experiência histórica a ser narrada.

“Toda vida pode ser contada”: notas sobre a escrita biográfica de Dilthey:

Os extensos e sistemáticos estudos de Dilthey sobre a história e a individualidade foram acompanhados de alguns experimentos biográficos, nos quais o autor exercitou suas concepções sobre trajetórias individuais e suas relações com os sistemas histórico-normativos. Esses trabalhos, por outro lado, ainda despertam um interesse reduzido entre os analistas da obra de Dilthey e o próprio filósofo alemão jamais foi reconhecido como um grande biógrafo, ainda que o seu *Vida de Schleiermacher* tenha alcançado certa notoriedade, não obstante seu caráter inacabado. Avançar, portanto, em direção às reflexões de Dilthey sobre a biografia é, sem dúvida, explorar um aspecto ainda merecedor de uma agenda mais ampla de investigações.

O gênero biográfico, ao longo do século XIX, viveu as tensões que engrossavam os debates sobre os fundamentos metodológicos e epistemológicos da história, cada vez mais institucionalizada e com ambições científicas. Se o predomínio de categorias coletivamente orientadas, como estado, povo e nação, pareciam deixar um espaço cada vez mais reduzido à dimensão individual da história, ainda se podiam sentir os ecos do herói de Carlyle, talvez a maior demonstração de fé na vitalidade dos indivíduos como força-motriz do devir histórico. Sem, evidentemente, compartilhar da mesma expressão

apologética de Carlyle, Dilthey inscreverá a biografia em um lugar não menos nobre: o do fato histórico puro e mais elementar do mundo social.

O que pode então alcançar a biografia? Ela possui uma validade científica? As respostas de Dilthey se desenvolvem como desdobramentos de sua filosofia da vida. É necessário, inicialmente, considerar que as manifestações do espírito, quaisquer que sejam, podem ser tomadas como documentos para a escrita de uma biografia. Elas são os restos que subsistem da expressão e da ação de uma personalidade (DILTHEY, 2014, p.79). O trabalho do biógrafo é compreender as formas pelas quais um indivíduo, simultaneamente, é determinado pelo meio em que vive e contra ele reage. A vida de um sujeito constitui, deste modo, a mais original das configurações singulares do mundo histórico. Estamos diante da “célula primitiva da história” (DILTHEY, 2014, p.80). O curso de uma existência é uma mistura de ações, reações e lembranças e seu desenvolvimento se dá pela consciência, por parte do sujeito, de sua individualidade. Portanto, os estímulos exteriores que agem sobre o indivíduo são interiorizados e configuram processos ativos de desenvolvimento. Essa descrição é válida tanto para a “vida ordinária quanto para aquela extraordinária”. Assim, como negar que a biografia é eminentemente significativa para a compreensão da grande configuração do mundo histórico, uma vez que ela é justamente a relação profunda entre a natureza humana e a modulação universal da vida histórica?

Nesta chave de leitura que situa a biografia como a forma molecular da história, é possível perceber o desdobramento de um percurso intelectual, de uma fundação epistemológica de grande alcance. É bastante conhecida a distinção que Dilthey realizou entre ciências humanas e ciências naturais. O que as diferencia não concerne propriamente à natureza de seus objetos, mas à sua abordagem metodológica. Enquanto as ciências naturais fundam-se em uma percepção do real baseada nos sentidos e nos discursos – sendo, portanto, capazes de formular leis e de admitir previsões –, as ciências humanas não podem negligenciar uma outra dimensão da experiência, aquela que se desenvolve pela internalização, por parte dos indivíduos, das imagens produzidas no exterior. E é por intermédio dos produtos dessa *inner experience* (gestos, sons, imagens, textos) que podemos interrogar a realidade exterior. Neste sentido, as ciências humanas representam uma extensão da vida cotidiana que somente pode ser compreendida por meio desse intercâmbio sistemático entre a experiência interna e o mundo.

O próprio Dilthey percebeu aí uma aporia e tratou de advertir seus leitores para os riscos de uma metodologia excessivamente introspectiva, incapaz de avançar para além das próprias experiências subjetivas. Não basta que sejamos capazes de compreender a nós mesmos. Nós necessitamos, igualmente, da compreensão de outros indivíduos, pois só assim poderemos, de fato, nos colocar no mundo e externar as imagens produzidas pelas nossas experiências internas. A multiplicidade das expressões de um indivíduo e as relações que ele entretém com o mundo histórico são as condições de possibilidade da escrita biográfica.

A biografia procura explicitar os produtos da experiência interna de um indivíduo e suas vivências exteriores, compreendendo, assim, os sentidos de sua vida. Como sujeito capaz de explicar os produtos da vida interior de um indivíduo – muitas vezes apenas implícitos em sua experiência vivida –, o biógrafo está em posição de compreender melhor essa experiência do que o seu próprio biografado. (DILTHEY, 1924, p.331) A compreensão é uma possibilidade porque o biógrafo e o biografado compartilham várias características vitais (desejos, tensões, expectativas, projeções). E também uma necessidade porque, como individualidades, eles são, sob muitos aspectos, profundamente diferentes. A origem dessa relação empática reside nos estudos de Dilthey sobre psicologia, já sumariamente comentados anteriormente. Aqui vale realçar, uma vez mais, que o ato de compreender – e diríamos, de representar – a vida de um sujeito só se torna possível por um exercício de transposição do intérprete para o horizonte do outro. Esse é um movimento não isento de imaginação, mas sem o qual não se podem produzir os atos e as experiências de outro ser humano e, deste modo, revelar as semelhanças entre biógrafo e biografado. Ainda que o próprio Dilthey tenha revisto várias formulações de sua psicologia analítica, essa intuição permanece fundamental para os que desejam compreender suas formulações sobre o gênero biográfico.

As biografias escritas por Dilthey permaneceram, em sua maior parte, praticamente ignoradas por seus estudiosos. A exceção é, certamente, o monumental trabalho sobre Schleiermacher, cujas quase setecentas páginas são ainda mais impressionantes se se considera o fato de que se trata apenas de um volume inicial ao qual deveria seguir um segundo, não concluído. É sobretudo com base nesse livro que os poucos analistas que estudaram especificamente o lugar da biografia no pensamento de Dilthey formularam suas hipóteses e conclusões. Segundo H. P. Rickman, como biógrafo, Dilthey aplicou as reflexões filosóficas que desenvolveu a respeito das relações entre

experiência vivida e história (RICKMAN, 1979, p.223). Outros, como Erben (1983) e de Mul (2013), situam Dilthey como um precursor da biografia intelectual, gênero que teria profunda ressonância no século XX.

Dilthey faz ver seus personagens como essencialmente históricos. Tal afirmação poderia ser facilmente tomada como um entediante senso comum, afinal, haveria a possibilidade de alguém existir fora da história? O que parece estar no centro dessa formulação é a apresentação do indivíduo como um feixe atravessado por identidades, pertencimentos, heranças e molduras. O estabelecimento desse conjunto, que poderíamos, em um sentido largo, denominar de contexto, constitui a preocupação primeira de Dilthey em sua biografia de Schleiermacher. A vida do notável filólogo só pode ser compreendida tendo como pano de fundo o ambiente político, intelectual e religioso do seu tempo. Dilthey, em sucessivas ocasiões, realçou a força dessa realidade exterior que “parece nos cercar por todos os lados com muros que não podemos transpor” (apud LORIGA, 2011, p.127). Aos leitores mais apressados, a extensão dos detalhes sobre o movimento intelectual do tempo de Schleiermacher pode parecer extenuante. Ao falar, por exemplo, de Kant – cujas ideias Schleiermacher sempre fez questão de associar ao seu pensamento –, Dilthey dedica-lhe 30 páginas! Por outro lado, Schleiermacher parecia comportar as características que Dilthey identificava no herói, ou seja, no indivíduo capaz de sintetizar e dar sentido aos diferentes pensamentos vitais, traduzindo-os em um conjunto harmonioso, pois, “é necessária a ação do gênio para construir, a partir do que é originalmente diverso, ou seja, a partir de elementos e de suas relações particulares, a unidade que chamamos de o espírito de uma época” (DILTHEY, 1995, p.163).

As relações que os indivíduos ou comunidades estabelecem com uma época não se definem, entretanto, exclusivamente por critérios de pertencimento. Os processos culturais e políticos possuem esferas de autonomia que nem sempre se conformam ao movimento geral da história. Uma época pode ser mais bem compreendida, nesta chave de leitura, como um entrelaçamento de forças contraditórias e instáveis, com conjuntos interativos em constante transformação, sem que isso signifique a dominância de algum deles. Os indivíduos não são plenamente redutíveis às comunidades e às instituições e nem estas podem ser explicadas à luz de uma trajetória individual. Como bem demonstra Sabina Loriga, as criações da vida coletiva são vividas e internalizadas por cada indivíduo, mas não de forma absolutamente controlada, e passam a abarcar “um

espaço humano mais amplo que o simples espaço biográfico” (LORIGA, 2011, p.135). Os biógrafos, por seu turno, devem permanecer atentos ao fato de que seus personagens são o produto do cruzamento de diferentes grupos históricos, diacrônica e sincronicamente. Assim, por exemplo, Dilthey se referia ao século XVIII.

Esse conjunto homogêneo, em que se exprime, em diferentes domínios da vida, a orientação dominante das Luzes alemãs, não determina por isso todos os homens que pertencem a esse século e, mesmo lá onde sua influência se exerce, outras forças agem muitas vezes a seu lado. As resistências do século precedente se fazem sentir. As forças ligadas às situações e às ideias anteriores são particularmente ativas, mesmo se buscam dar-lhes uma nova forma (DILTHEY, 1988, p.122).

É importante insistir no fato de que a experiência vivida a ser recriada pelo biógrafo não se esgota em si e em seu próprio tempo. Outra contribuição de Dilthey ainda pouco estudada diz respeito ao seu conceito de memória. A coesão de uma vida se dá pela conjugação entre o que ele chamou de “imagens memoriais” (*Erinnerungsbilder*), ou simplesmente “memória”, e “antecipação do futuro”. Essa configuração temporal atesta a existência de “numerosas possibilidades de vida”, pois “nossa imaginação vai além do que podemos viver imediatamente ou realizar no seio do nosso eu” (DILTHEY, 1927, p.194). Por intermédio das lembranças, podemos recuperar os sentidos das experiências passadas e abriremos o futuro. Não se trata, aqui, entretanto, de simples estados de consciência individual. A reflexão de Dilthey desdobra-se, nesse momento, em um segundo nível de articulação em que se abre a análise para a consideração dos significados simbólicos e linguísticos da memória que constituem os padrões temporais nos quais os homens instituem as relações uns com os outros e com o mundo. E esses sentidos inaugurados pela memória dos indivíduos não podem se limitar ao presente. Elas se enraízam nas profundezas de um passado que transborda sobre as gerações atuais. Dilthey discutia esse problema nos seguintes termos:

A realidade de Lutero, de Frederico, o Grande ou de Goethe recebe uma intensidade e um vigor maiores pelo fato de que eles agem constantemente sobre o nosso próprio eu, isto é, pelo fato de que esse eu é determinado pela vontade desses poderosos personagens cuja influência persiste e aumenta. Eles são para nós realidades porque sua poderosa personalidade age energeticamente sobre nós (DILTHEY, 1947a, p.119).

A biografia, partindo do “fato original de toda a história”, o indivíduo em sua experiência concreta no mundo, torna possível a articulação entre a singularidade e o universal. Somente o historiador que constrói a história com base nessa unidade vital será capaz de agarrar o “todo histórico” (DILTHEY, 1922, p.34). O laço de reciprocidade especificamente histórico pelo qual um fenômeno recebe um sentido de seu contexto e graças ao qual a universalidade da história se constitui não é um laço de causalidade, eficiente ou final, mas uma relação imanente, fundada na experiência vivida tão largamente exemplificada por Dilthey.

Como poderíamos negar, então, que a biografia possui um significado eminente para a compreensão da grande conexão do mundo histórico! Afinal, é justamente a relação entre as profundezas da natureza humana e a conexão universal da vida histórica difundida que é efetiva em cada ponto da história. Aqui se encontram a conexão original entre a própria vida e a história (DILTHEY, 2010, p.241).

A possibilidade da biografia como obra científica instaura-se contraditoriamente por uma impossibilidade: a de o indivíduo lidar com o jogo ilimitado de forças do mundo histórico. São elas que configuram as performances históricas. Ao retomar suas reflexões sobre Schleiermacher, Dilthey sugere que a biografia desse personagem parecia emergir por meio da diversidade de suas ações. Entretanto, um estudo mais delicado demonstraria que a personalidade do biografado é sustentada precisamente pela configuração interna que assegura a coesão de suas atividades relativas à religião, à filosofia, à crítica, à compreensão renovada de Platão, à igreja, ao estado (DILTHEY, 2014, p.82).

Essa coesão é formada por partes que se articulam na experiência psíquica vivida. É importante ressaltar que não se trata de um sistema estável, mas, ao contrário, alimentado por reconfigurações possíveis advindas das reminiscências memoriais e também das próprias ações do presente que são empregadas em direção à consecução de determinados fins. O indivíduo, como um ponto mediano entre ações presentes, memórias e futuro é, portanto, uma totalidade aberta, mas que apresenta níveis necessários de acomodação interior e de reconhecimento em si mesmo, ou seja, ele não pode viver inteiramente entregue às forças exteriores (LORIGA, 2011, p.130). O desenvolvimento psíquico do indivíduo supõe certa resistência ao mundo.

A realidade do mundo exterior não é tirada dos dados da consciência, ou seja, deduzida por operações puramente intelectuais. Penso antes que os processos conscientes anteriormente indicados transmitem-nos uma experiência da vontade – a freagem da intenção – que está implicada na consciência de uma resistência e que, só ela, nos revela a realidade robusta e viva do que não depende de nós.

Pouco a pouco, [a unidade viva] não está mais entregue ao jogo das excitações. Ela freia e controla as reações, escolhe quando pode adaptar a realidade às suas necessidades; e o mais importante de todos os fatos, quando pode determinar essa realidade, adapta a ela seus próprios processos vitais e controla, pela atividade interior da vontade, as paixões desencadeadas e o jogo das representações. É isso a vida (DILTHEY, 1947a, p.109-110 e 217).

Não é forçoso pensar que a tarefa biográfica, tal como demarcada pelos conceitos e categorias de Dilthey relacionados à vida, só pode ser realizada de modo aproximado. Neste ponto, poder-se-ia admitir a existência de certas “dúvidas irritantes” sobre o valor científico da biografia (LORIGA, 2011, p.151) no pensamento de Dilthey, às quais poderíamos acrescentar uma outra questão. Se as concepções de vida e indivíduo eram profundamente marcadas pela historicidade das formas constituintes do mundo histórico, isso, em um espectro mais largo, poderia se traduzir na ausência de padrões mais rigorosos para as ações humanas, sempre submetidas ao jogo das transformações. Por outro lado, seria possível que a escrita biográfica ignorasse totalmente a busca por certas continuidades e lógicas de sentido nos indivíduos? Dilthey, em seus estudos sobre psicologia, parece admitir que os indivíduos, embora históricos, apresentam certos padrões de semelhança e de uniformidade, cuja observação é certamente uma das várias tarefas do historiador-biógrafo.

A uniformidade da natureza humana se manifesta no fato de que se encontram as mesmas determinações qualitativas e as mesmas formas de ligações em todos os homens. (...) Mas as condições quantitativas nas quais elas se apresentam são muito diferentes umas das outras; essas diferenças formam incessantemente novas combinações sobre as quais repousa (...) a diversidade das individualidades (DILTHEY, 1947a, p.234).

O que os padrões de semelhança mais profundamente revelam são justamente as incessantes experiências pelas quais os indivíduos se distinguem uns dos outros, ou seja, como constituem-se sujeitos autônomos na mesma medida em que são dependentes dos sistemas normativos. Não há contradição, é o que Dilthey nos diz, pois o “eu ‘querente’ se revela autônomo sem deixar de estar entravado em suas volições, o que lhe confere

um caráter condicional e dependente” (DILTHEY, 1947a, p.141). Os indivíduos se diferenciam justamente ao interiorizarem as normas sociais nos modos de existência e convívio com outros indivíduos.

Como forma historiográfica mais elementar e filosófica, a biografia, na perspectiva aqui defendida, é a atividade intelectual que melhor expressa as concepções de Dilthey sobre a história e a experiência vivencial dos homens. Desse ponto de vista, o biógrafo deve buscar incessantemente as articulações entre a vida psíquica dos indivíduos e suas conexões com o sentido da totalidade. Esses esforços de estabelecimento dos nexos entre vida e processo histórico não se esgotam na simples descrição dos acontecimentos que moldaram uma trajetória. Dilthey não via maiores méritos nas biografias que apenas descreviam tais acontecimentos. Esses níveis primários de verdade não podem suplantar a significação, os sentidos que cada acontecimento suscita. Dilthey, para melhor elucidar o que entende por significação de uma vida, explora a historicidade e as formas de expressão da obra poética. Ela escapa à simples experiência ordinária, mas “ensina a captar suas significações e aproximá-las do nosso coração” (DILTHEY, 1995, p.164). De modo oposto a certas tendências de seu tempo, Dilthey rejeitava que a obra de um poeta pudesse ser o resultado exclusivo de um “eu” distanciado da agitação do mundo e do peso do passado. Assim ele se expressa, em um raciocínio que pode ser deslocado para os significados e sentidos construídos por todos os indivíduos.

Se essa fórmula é um pouco estreita, temos mesmo assim o direito de dizer: é somente na medida em que um elemento psíquico, ou uma combinação de tais elementos, está em relação com um acontecimento vivido, e com a representação deste, que ele pode ser elemento constitutivo da poesia. A arte pinta o céu e o inferno, os deuses e os fantasmas com cores emprestadas à realidade. Ela se concentra em intensificar os elementos desta (DILTHEY, 1995, p.104).

As experiências vivenciais do poeta serviram para que Dilthey se indagasse sobre as analogias e as aproximações entre a biografia e a obra de arte. O que pensa, sente e diz o poeta não traduz tudo de sua criatividade artística. Esta, por sua vez, é muitas vezes inconsciente, incapaz de se explicar. A obra não é uma representação fiel da realidade, mas um instante de criação, de algo imprevisto, que permanecera até então em estado de latência. O mundo histórico não consegue, assim, conter todas os

movimentos da poesia. O livre movimento da criação alimenta-se do sonho e do delírio psíquico. Estudando Rousseau, Dilthey afirma que é impossível separar seu destino de seus fantasmas (DILTHEY, 1995, p.95). O que tais considerações parecem sugerir é que a representação produzida pelo biógrafo se assemelha àquela da obra poética, em função da impossibilidade de ambas captarem toda a experiência do real.

[...] movimentos genéricos atravessam o indivíduo como seu ponto de interseção; precisamos buscar novas bases para a compreensão desses movimentos, bases que não estão postas no indivíduo para tal compreensão. A biografia não contém por si a possibilidade de se configurar como obra de arte científica. Trata-se de novas categorias, figuras e formas da vida, para as quais precisamos nos voltar e que não despontam na vida singular. O indivíduo é apenas o ponto de entrecruzamento de sistemas culturais, organizações, nas quais a sua existência está entretida: como é que elas poderiam ser compreendidas a partir dele? (Dilthey 2010, p.246).

A circularidade do pensamento de Dilthey sobre a história e os indivíduos pode sugerir, aos nossos espíritos contemporâneos, um conjunto enfadonho de obviedades. Poucos historiadores duvidariam das necessárias articulações entre todo e parte, entre o universal e o singular. Escrever biografias sem o mínimo recurso a alguma ideia de contexto parece igualmente improcedente e mesmo imprudente. Dilthey, não raro, sinalizava dúvidas e incertezas quanto à viabilidade dessa circularidade. Não é tarefa fácil precisar em que medida podemos captar a história por intermédio das lentes de um indivíduo ou, ao contrário, apreender a natureza psíquica de um personagem biografado recompondo as camadas de pertencimento nas quais ele se insere. Mas Dilthey não recusou essa vertigem, essa necessidade infinita de história. Sua “aposta biográfica” era o reconhecimento do caráter inacabado da história e da própria instabilidade da vida, feita de vestígios, de pistas incompletas e que, por isso, nos demanda incessantemente o uso da imaginação, pois a “tal tentativa de copiar fielmente o objeto será sempre condicionada, ela também, pela subjetividade daquele que escuta, lembra, reproduz” (DILTHEY, 1947a, p.286).

Referências bibliográficas:

- AMARAL, Maria Nazaré de Camargo Pacheco. Introdução. In: DILTHEY, Wilhelm. *Filosofia e Educação: textos selecionados*. Organização e introdução de Maria Nazaré de Camargo Pacheco Amaral. São Paulo: Edusp, 2010, p.13-30.
- AVELAR, Alexandre de Sá. Biografia e ciências humanas em Wilhelm Dilthey. *História da Historiografia*, n.9, p.129-143, 2012.
- CRISTIN, Renato. *Fenomenología de la historicidad*. El problema de la Historia en Dilthey y Husserl. Madri: Ediciones Akal, 2000.
- DE MUL, Jos. Das Schauspiel des Lebens: Wilhelm Dilthey and the historical biography. *Revue Internationale de Philosophie*, v.57, n.226(4), p.407-424, 2013.
- DILTHEY, Wilhelm. A formação do mundo histórico nas ciencias do espírito. In: *Filosofia e Educação: textos selecionados*. Organização e introdução de Maria Nazaré de Camargo Pacheco Amaral. São Paulo: Edusp, 2010, p.139-236.
- DILTHEY, Wilhelm. *El mundo histórico*. Ciudad do México: FCE, 1944.
- DILTHEY, Wilhelm. *Écrits d'esthétique*. Paris: Éditions du Cerf, 1995.
- DILTHEY, Wilhelm. *Gesammelte Schriften*. Berlim: B.G. Teubner, 1922, v.1.
- DILTHEY, Wilhelm. *Gesammelte Schriften*. Berlim: B.G. Teubner, 1924, v.5.
- DILTHEY, Wilhelm. *Gesammelte Schriften*. Berlim: B.G. Teubner, 1927, v.7.
- DILTHEY, Wilhelm. *Gesammelte Schriften*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1972, v.16.
- DILTHEY, Wilhelm. *Gesammelte Schriften*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1977, v.18.
- DILTHEY, Wilhelm. *Gesammelte Schriften*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1982, v.19.
- DILTHEY, Wilhelm. *Introduction aux sciences de l'esprit et autres textes*. Paris: CERF, 1992.
- DILTHEY, Wilhelm. *La vie historique*. Manuscrits relatifs à une suite de l'édification du monde historique dans les sciences de l'esprit. Apresentação e notas de Christian Berner e Jean Claude Gens. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 2014.
- DILTHEY, Wilhelm. *L'édification du monde historique dans les sciences de l'esprit*. Paris: Cerf, 1988.

- DILTHEY, Wilhelm. *Leibniz e sua época*. São Paulo: Saraiva Editores, 1947b.
- DILTHEY, Wilhelm. *Le monde de l'esprit*. Paris: Aubier, 1947a.
- DILTHEY, Wilhelm. *Selected Writings*. London: New York: Cambridge University Press, 1976, 9v.
- ERBEN, Michael. The problem of other lives: social perspectives on written biography. *Sociology*, v.27. n.1, p.15-25, 1993.
- HODGES, Herbert Arthur. *The Philosophy of Dilthey*. Londres: Routledge, 1952.
- IMAZ, Eugenio. *El pensamiento de Dilthey: evolución y sistema*. Ciudad do México: Fondo de Cultura Económica, 1946.
- JESUS, Paulo. Vida, expressão e compreensão em *Der Aufbau*, de Dilthey (1910). In: CARDOSO, Adelino e MIRANDA, José. (orgs). *Sujeito e passividade*. Lisboa: Colibri, 2002, p.151-174.
- JOLLIVET, Servanne. Dilthey et la « critique de la raison historique ». In : FAGNIEZ, Guillaume e CAMILLERI, Sylvain (coords.). *Dilthey et l'histoire*. Paris : Vrin, 2016, p.27-41.
- JOLLIVET, Servanne. L'historisme comme nouvelle philosophie de l'histoire : retour sur le projet diltheyen. In : ESCUDIER, Alexandre. e MARTIN, Laurent. (dirs.). *Histoires universelles et philosophies de l'histoire*. Paris: Presses de Sciences Po, 2015, p.59-77.
- LABASTIDA, Francisco Fernandez. Wilhelm Dilthey y las categorias de la vida: metamorfose historicista del apriorismo kantiano. *Anuário Filosófico*, n.XXXVII/3, p.869-883, 2004.
- LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998, p.225-249
- LORIGA, Sabina. *O pequeno x: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- MANCILLA, Mauricio. Dilthey, lector de Schleiermacher: el mundo vital como texto. *Limite*, v.9,n.30, p.7-13, 2014.
- MESURE, Sylvia. *Dilthey et la foundation des sciences historiques*. Paris : PUF, 1990.
- REIS, José Carlos. *Wilhelm Dilthey e a autonomia das ciências humanas*. Londrina: Eduel, 2003.
- REYNERS-ZACCAÏ, Nathalie. *Le monde de la vie: Dilthey et Husserl*. Paris : Les Éditions du Cerf, 1995.

REVEL, Jacques. A biografia como problema historiográfico. In: *História e historiografia: exercícios críticos*. Curitiba: Editora da UFPR, 2010, p.235-264.

RICKMAN, Hans Peter. *Dilthey today: a critical appraisal of the contemporary relevance of his work*. New York: Greenwood Press, 1988.

RICKMAN, Hans Peter. Wilhelm Dilthey and biography. *Biography*, v.2, n.3, p.218-229, 1979.

RODI, Frithjof. Dilthey's concept of structure within the context of 19th century science and philosophy. In: MAKKREEL, Rudolf A. e SCANLON, John (eds.). *Dilthey and Phenomenology*. Washington: University Press of America, 1983, p.102-118.

SCHNADELBACH, H. *Philosophy in Germany, 1831-1933*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.